

GRUPO FOCAL: APLICAÇÕES NA PESQUISA NACIONAL EM ADMINISTRAÇÃO

FOCUS GROUP: APPLICATIONS IN NATIONAL MANAGEMENT RESEARCH

ANNA CAROLINA RIBEIRO
annalemosribeiro@gmail.com

GISELA DEMO
giselademo@gmail.com

CARLOS DENNER DOS SANTOS
carlosdenner@unb.br

RESUMO

O grupo focal é uma das principais técnicas de coleta de dados em pesquisas qualitativas em geral, e em estudos organizacionais e de administração em específico. Contudo, existe uma lacuna no que tange ao seu uso nessas áreas específicas mencionadas, identificada pela falta de compilações sistemáticas da literatura científica sobre o tema. Destarte, o objetivo deste estudo é apresentar um cenário dos artigos em administração publicados em periódicos nacionais de destaque que utilizaram o grupo focal como instrumento de coleta de dados. Optou-se por realizar uma revisão sistemática da literatura utilizando o protocolo proposto por Cronin, Ryan e Coughlan (2008). Foram, então, identificados 46 artigos e selecionados 26 para análise. Concluiu-se que, nos periódicos nacionais analisados, a escolha do grupo focal enquanto técnica de análise de dados ainda é escassa na literatura do campo. Ademais, a falta de informações nos estudos analisados sobre as características do grupo focal, como quantidade de grupos e de participantes, duração das sessões e perguntas elencadas, torna a análise difícil e, portanto, necessária. Conforme os principais resultados e conclusões obtidos, propõe-se uma agenda de pesquisa futura juntamente com uma discussão das implicações acadêmicas e gerenciais.

Palavras-chave: Grupo focal. Coleta de dados. Administração. Revisão sistemática. Método.

ABSTRACT

The focus group is one of the main data collection techniques used in qualitative research generally, and in organizational and management studies particularly. However, there is a lack of structured understanding of its use in these specific areas, as no systematic compilation of the literature on the subject has been published yet. Thus, the purpose of this study is to map and present the scenario of papers published in management national journals that applied focus group as a data collection technique. We have chosen to perform the systematic literature review using the protocol proposed by Cronin, Ryan and Coughlan (2008). Forty-six papers were identified, and 26 were selected for analysis. It turned out that, in the management national journals analyzed, the choice of focus group as a data collection technique is still scarce. Moreover, the lack of information in the analyzed studies regarding focus group technical decisions, such as number of groups and participants, length of sessions and

listed questions, complicates efforts of summarization analysis, unfolding thereby a limitation of our current knowledge. Based on the main results and conclusions obtained, we propose an agenda for future research along with a discussion of both theoretical and managerial implications.

Keywords: Focus group. Data collection. Management. Systematic review. Method.

1 INTRODUÇÃO

Atualmente, de acordo com Oliveira e Freitas (2010), os dois principais instrumentos de coleta de dados qualitativos em ciências são a entrevista individual e a observação participante em grupos. Ainda para os autores, como entrevista em grupo, o grupo focal é um instrumento que combina elementos dessas duas abordagens. É composto por indivíduos selecionados por amostragem teórica, enfocando um assunto específico (Anderson, 1990), de modo a possibilitar que o pesquisador compreenda as percepções, sentimentos e atitudes sobre um tema daqueles indivíduos (Denscombe, 2007; Iervolino & Pelicioni, 2001; Stewart & Shamdasani, 1990). Assim, o grupo focal, enquanto técnica ou instrumento de coleta de dados, já está validado na tradição de pesquisa qualitativa (Grønkvær, Curtis, Crespigny et al., 2011).

O grupo focal pode ser utilizado para, por exemplo, auxiliar no processo decisório, guiar o desenvolvimento de produtos e programas, fornecer informações sobre questões organizacionais, como satisfação do consumidor, desenvolvimento organizacional, estabelecimento de metas e preocupação dos funcionários (Krueger & Casey, 2009). Portanto, o grupo focal se tornou popular entre os estudiosos com preferências a desenvolver pesquisas de abordagem qualitativa em ciências sociais aplicadas (Dilshad & Latif, 2013), incluindo a administração.

Schröder e Klering (2009), ao analisarem trabalhos apresentados nas últimas edições do Encontro Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Administração (EnANPAD), considerado um evento de referência na área, concluíram que a utilização de grupos focais era incipiente, especialmente na modalidade *on-line*, de modo que foram poucas as pesquisas que utilizaram essa ferramenta à época. Assim, o objetivo deste estudo é apresentar um cenário dos artigos em administração, publicados em periódicos nacionais de primeira linha, conforme classificação do Sistema Qualis, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), no quadriênio 2013-2016, com índice igual ou superior a B1, que utilizaram o grupo focal como instrumento de coleta de dados e seus desdobramentos. Para tanto, optou-se por realizar uma revisão sistemática da literatura, sem delimitação de horizonte temporal, com base no protocolo proposto por Cronin, Ryan e Coughlan (2008).

Primeiramente, será apresentado o referencial teórico sobre grupo focal, destrinchando-se especialmente o seu planejamento, a sua condução e a análise dos dados. Depois, será apresentado o percurso metodológico desta pesquisa. Em seguida, será disposto o desenho do panorama das publicações nacionais, como resumo do levantamento realizado. Para finalizar, as análises e resultados serão expostos sequencialmente, acompanhados da conclusão deste estudo.

2 GRUPO FOCAL

O grupo focal é um tipo de entrevista em profundidade realizada em grupo, cujas reuniões possuem características próprias (Oliveira & Freitas, 2010), visando obter percepções dos participantes sobre um tema específico de interesse do pesquisador (Krueger & Casey, 2009). Não se refere, portanto, a um conjunto de pessoas apenas conversando juntas, e sim a um tipo especial de grupo em termos de propósito, tamanho, composição e procedimentos (Krueger & Casey, 2009), com o objetivo de entender uma questão específica do ponto de vista dos participantes da pesquisa (Khan & Manderson, 1992).

A lógica da aplicação do grupo focal reside na criação do conhecimento, a partir das diversas experiências e interação entre os participantes (Fogaça & Coelho Jr, 2015), de sorte que esses dois fatores em conjunto (diversidade dos participantes e interação entre eles) constituem a principal vantagem dessa técnica de coleta de dados (Grønkvær, Curtis, Crespigny et al., 2011).

Para a melhor condução do processo de utilização de grupo focal, faz-se necessário estipular as suas principais fases previamente, as quais normalmente são classificadas em planejamento, condução do grupo e análise dos dados (Oliveira & Freitas, 2010), conforme apresentado nas subseções a seguir.

2.1 Planejamento do grupo focal

Nessa fase, o pesquisador precisa ter claro o objetivo do grupo focal, que embasará as fases seguintes do processo (Dilshad & Latif, 2013). Deve-se, então, desenvolver um plano cronológico, incluindo questões relacionadas, por exemplo, aos participantes, às reuniões, às perguntas, ao local, à análise dos dados e à redação do relatório (Oliveira & Freitas, 2010).

Quanto aos participantes, devem ser selecionados por possuírem características que se relacionem com o tema do grupo focal, portanto não são escolhidos aleatoriamente (Dilshad & Latif, 2013). Em outras palavras, a amostragem teórica, segundo o critério de saturação, proposto por Glaser e Strauss, em sua obra seminal sobre *Grounded Theory*, publicada em 1967, confere maior rigor ao processo de amostragem qualitativa (Godoi & Mattos, 2011), no qual se busca selecionar pessoas com representatividade no tema de estudo. Assim, quando novas informações sobre o fenômeno em questão deixam de surgir, ocorre a saturação dita teórica. Alguns autores entendem que o grupo deve ter natureza homogênea, determinada pelo propósito do estudo, sendo a base para o recrutamento (Krueger & Casey, 2009; Morgan, 1997). Outros, contudo, entendem que a composição heterogênea pode funcionar de forma favorável no grupo focal (Anderson, 1990). Dessa forma, o pesquisador deve primeiramente considerar qual natureza do grupo (homogênea ou heterogênea) é a melhor para o alcance dos objetivos de sua pesquisa (Dilshad & Latif, 2013).

Com relação ao tamanho do grupo, há também divergência na literatura. Para alguns autores, cada grupo é conduzido geralmente com 5 a 10 pessoas (Krueger & Casey, 2009); para outros, com 6 a 9 (Descombe, 2007), 6 a 10 (Dias, 2000; Schröder & Klering, 2009), 8 a 10 (Debus, 1997), 4 a 12 (Oliveira & Freitas, 2010) ou mesmo 6 a 12 (Dilshad & Latif, 2013). Em suma, pode ser considerado, como mínimo, 4 pessoas e, como máximo, 12. Em outras palavras, é

necessário que o grupo seja pequeno o bastante para que todos possam participar e o grande o suficiente para haver diversidade de percepções (Oliveira & Freitas, 2010).

Quanto à quantidade de grupos, embora haja variação a cada pesquisa, normalmente o pesquisador planejará três a quatro grupos focais. Na maioria dos casos, a teoria da saturação é aplicada, ou seja, o pesquisador coleta dados até obter novas informações significativas. Assim, a discussão em grupo é conduzida várias vezes com tipos similares de participantes, de modo que o pesquisador possa identificar tendências e padrões nas suas percepções (Krueger & Casey, 2009). Nesse mesmo raciocínio de saturação teórica, Debus (1997) indica, no entanto, pelo menos duas sessões. Não existe, portanto, um padrão para o número de sessões de grupo focal, por depender dos objetivos da pesquisa (Aschidamini & Saupe, 2004).

Quanto às perguntas, elas devem ser cuidadosamente predeterminadas e sequenciais, abertas e de fácil entendimento. As primeiras devem ser mais genéricas, tornando-se mais específicas no decorrer do grupo focal (Krueger & Casey, 2009).

A quantidade de perguntas também difere na literatura. Há quem aponte que geralmente 5 ou 6 perguntas são incluídas, mas muita discussão pode ocorrer em decorrência do processo do grupo (Dilshad & Latif, 2013); e há quem afirme que uma entrevista típica de grupo focal contém cerca de 12 questões (Oliveira & Freitas, 2010). Independente do número, frisa-se que a qualidade das respostas está relacionada com a qualidade das perguntas, sendo essas, portanto, a essência do grupo focal (Oliveira & Freitas, 2010). Isso significa que números mágicos não combinam com pesquisa qualitativa.

Por fim, no que tange à duração da sessão, sugere-se de uma a duas horas (Debus, 1997) ou de uma hora e meia a duas horas (Veiga & Gondim, 2001), uma vez que as pessoas normalmente não dispõem de muito tempo para participação.

2.2 Condução do grupo focal

O objeto de análise do grupo focal é a interação do grupo (Oliveira & Freitas, 2010), cabendo ao pesquisador criar um ambiente capaz de encorajar os participantes a compartilhar percepções e pontos de vista, sem pressionar os demais a chegarem a um consenso (Krueger & Casey, 2009). Só funciona, então, se o grupo se sentir confortável e livre para emitir suas opiniões sem ser julgado, o que permite que as pessoas realmente expressem seus pensamentos e sentimentos (Krueger & Casey, 2009); caso contrário, os dados obtidos não terão confiabilidade. Assim, o pesquisador, no papel de moderador do grupo, desempenha um papel crítico na organização, condução e controle do processo do grupo focal (Dilshad & Latif, 2013).

Inicialmente, o pesquisador deve colocar os participantes à vontade, servindo-lhes comidas e bebidas e/ou os envolvendo com conversas livres sem, contudo, falar sobre a questão principal do grupo. Ao iniciar a sessão formal, deve agradecer a participação de todos e declarar brevemente o propósito da reunião. Precisa, também, enfatizar as regras de confidencialidade e anonimato. No desenrolar do processo, o pesquisador vai introduzindo as perguntas gradativamente e, ao fim, agradece as contribuições para a pesquisa (Dilshad & Latif, 2013). Como o consenso não é o objetivo do grupo, e sim a exploração máxima das várias perspectivas dos participantes, não é aconselhável oferecer o resumo da discussão a eles (Anderson, 1990).

Em seguida, os dados do grupo focal são transcritos da discussão dos participantes, além das anotações e reflexões do pesquisador (Oliveira & Freitas, 2010). Ao tomar notas, é útil escrever referências de tempo na margem e destacar os pontos significativos específicos (Dilshad & Latif, 2013). O registro da reunião, via filmagem ou gravação de voz, também é fortemente sugerido (Rice & Ezzy).

2.3 Análise dos dados

A transcrição é essencial para a análise dos dados do grupo focal, a qual deve começar imediatamente após o término das reuniões (Dilshad & Latif, 2013). As formas básicas de análise, que podem ser apresentadas de forma complementar, costumam ser: i) qualitativa ou resumo etnográfico, com citações diretas da discussão do grupo; e ii) codificação sistemática, por meio de análise de conteúdo, com descrição numérica dos dados (Oliveira & Freitas, 2010).

Os dados coletados são de natureza qualitativa, o que implica, de acordo com Iervolino e Pelicioni (2001), a utilização de um conjunto de procedimentos que objetivam organizar os dados de modo a ser possível revelar como os grupos focais perceberam e se relacionaram com o foco do estudo em tela. Por isso, pontuam os autores, a análise deve ser feita pelo próprio pesquisador.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para esta investigação, utilizou-se o protocolo de Cronin, Ryan e Coughlan (2008), um dos mais utilizados para realização da revisão sistemática da literatura, o qual é formado pelas seguintes etapas: i) formulação da questão de pesquisa; ii) definição do conjunto de critérios de inclusão e exclusão; iii) seleção e acesso da literatura; iv) avaliação da qualidade da literatura incluída na revisão; e v) análise, síntese e disseminação dos resultados.

A seguir, as fases ii a iv são apresentadas, guiadas pela seguinte pergunta de pesquisa, estipulada na etapa i: as publicações nacionais de primeira linha (superior a B1) em administração têm utilizado o grupo focal como instrumento de coleta de dados?

3.1 Definição do conjunto de critérios de inclusão e exclusão

Foram selecionados os periódicos nacionais com qualificação igual ou superior a B1, de acordo com o relatório de classificações de periódicos no quadriênio mais atual (2013-2016), conferido à área de administração pública e de empresas, ciências contábeis e turismo, pelo Sistema Qualis, da Capes. De acordo com os programas de pós-graduação da área, esses são extratos que definem periódicos de primeira linha. Sob esse critério, foram destacados nove periódicos específicos da área de administração, conforme disposto na Tabela 1. Ressalta-se que não há periódicos nacionais classificados com A1 em administração.

Tabela 1 - Periódicos selecionados

Classificação	Periódico
A2	Brazilian Administration Review (BAR)
A2	Cadernos EBAPE.BR
A2	Revista de Administração Contemporânea (RAC)
A2	Revista de Administração da USP (RAUSP)
A2	Revista de Administração de Empresas (RAE)
A2	Revista de Administração Pública (RAP)
B1	Gestão & Produção
B1	Revista de Administração Mackenzie (RAM)
B1	Revista Eletrônica de Administração (REAd)

Fonte: Elaboração própria.

3.2 Seleção e acesso da literatura

Para serem selecionados, os artigos deveriam conter no título, resumo, palavras-chave ou texto completo, a depender do critério de busca mais amplo disponível no *site* de cada periódico, um dos seguintes termos: "grupo focal", "grupos focais", "grupo de foco", "grupos de foco" e "focus group". Foram recuperados, dessa maneira, em 27 e 28 de maio de 2019, 46 artigos.

3.3 Avaliação da qualidade da literatura incluída na revisão

Dos 46 artigos identificados, após leitura dos resumos ou mesmo do texto completo, 19 foram eliminados por não utilizarem o grupo focal como instrumento de coleta de dados ou por não se tratarem de estudos teórico-empíricos, visto que aqui se focou na parte metodológica das pesquisas. Assim, foram examinados detalhadamente, na íntegra, os 26 artigos que compuseram o estrato final deste trabalho.

3.4 Análise, síntese e disseminação dos resultados

Nessa etapa, ocorreu a avaliação minuciosa dos 26 artigos selecionados, sobre os quais foi realizada a análise bibliométrica. Foram levantados os indicadores das seguintes categorias, conforme sugestão de Demo, Fogaça e Costa (2018): 1) nome do periódico; 2) ano de publicação; 3) quantidade de autores; 4) vinculação acadêmica dos autores; 5) abordagem da pesquisa; 6) instrumentos de coleta de dados; 7) técnica de análise de dados; e 8) características do grupo focal que se apresentaram divergentes na literatura, conforme disposto na Seção 2, a saber: i) quantidade de grupos; ii) quantidade de participantes; iii) duração das sessões; e iv) quantidade de perguntas.

A Tabela 2 apresenta os 26 artigos selecionados para revisão sistemática da literatura.

Tabela 2 - Artigos selecionados

N	Autor(es)	Título	Periódico	Ano de publicação
1	Cenci, R., & Filippim, E.S.	Atração e permanência de pessoas em instituições religiosas católicas: o peso dos contornos institucionais	Cadernos EBAPE. BR	2017
2	Borges, M.V., Silva, A.R.L., Souza, E.M., & Fantinel, L.D.	Implicações simbólicas na organização de um <i>home care</i> : interpretações entre a equipe de saúde e os cuidadores familiares	REAd	2016
3	Amorim, W.A.C., Cruz, M.V.G., Sarsur, A.M., & Fischer, A.L.	Políticas de educação corporativa e o processo de certificação bancária: distintos atores e perspectivas	REAd	2015
4	Fogaça, N., & Coelho Junior, F.A.	A hipótese "trabalhador feliz, produtivo": o que pensam os servidores públicos federais	Cadernos EBAPE. BR	2015
5	Silva, M.A.B., & Leite, N.R.P.	Aprendizagem e mudança organizacional em uma instituição de ensino superior em administração	REAd	2014
6	Castro, A.C.	Produção <i>offshore</i> na Bacia de Campos (RJ): a perspectiva da psicologia do trabalho	Gestão & Produção	2013
7	Lopes, E.L., Garcia, E., Santos, V.M., & Schiavo, M.A	O novo consumidor idoso: identificação dos atributos varejistas relevantes	RAE	2013
8	Beuren, I.M., & Almeida, D.M.	Impactos da implantação das normas internacionais de contabilidade na controladoria: um estudo à luz da teoria da estruturação em uma empresa têxtil	RAUSP	2012
9	Cruz, M.V.G., Sarsur, A.M., & Amorim, W.A.C	Gestão de competências nas relações de trabalho: o que pensam os sindicalistas?	RAC	2012
10	Eberte, A.D., & Casali, A.M.	Crise organizacional e <i>sensemaking</i> : o caso de um hospital público no contexto da pandemia de <i>influenza A (H1N1)</i>	Cadernos EBAPE. BR	2012
11	Koller, M., & Königsecker, A.	<i>Shopping for apparel: how can kiosk systems help?</i>	RAE	2012
12	Silva, G.G., & Meneses, P.P.M.	Necessidades de treinamento organizacional e motivação para trabalhar	REAd	2012
13	Añaña, E.S., Silva, R.G.S., & Nique, W.M.	Conveniência de serviços: apropriação e adaptação de uma escala de medida	RAE	2011
14	Barth, N.L., & Meirelles, F.S.	<i>Access to information: assessment of the use of automated interaction technologies in call centers</i>	RAE	2011
15	Pereira, A.L.C., & Silva, A.B	As competências gerenciais nas instituições federais de educação superior	Cadernos EBAPE. BR	2011
16	Strehlau, V.I., Claro, D.P., & Laban Neto, S.A.	Em busca da identificação de valores regionais: subsídios para discussão de estratégias mercadológicas	RAUSP	2010

N	Autor(es)	Título	Periódico	Ano de publicação
17	Binotto, E., & Nakayama, M.K.	Um método de análise da criação de conhecimento para a realidade do agronegócios	REAd	2009
18	Cerreto, C., & Domenico, S.M.R	Mudança e teoria ator-rede: humanos e não humanos em controvérsias na implementação de um centro de serviços compartilhados	Cadernos EBAPE. BR	2009
19	Ferreira, R.R., Abbad, G.S., Pagotto, C.P., & Meneses, P.P.M.	Avaliação de necessidades organizacionais de treinamento: o caso de uma empresa latino-americana de administração aeroportuária	REAd	2009
20	Lacombe, B.M.B., & Albuquerque, L.G	Avaliação e mensuração de resultados em gestão de pessoas: um estudo com as maiores empresas instaladas no Brasil	RAUSP	2008
21	Cherchiglia, M.L., & Dallari, S.G.	Tempo de mudanças: sobrevivência de um hospital público	RAE	2006
22	Moura, A.C., & Gonçalves, C.A.	Modelo de satisfação ACSI modificado no setor de telefonia móvel	RAE	2005
23	Corrêa, A.M.H., & Carrieri, A.P.	O assédio moral degradando as relações de trabalho: um estudo de caso no Poder Judiciário	RAP	2004
24	Grisci, C.L.I.	Dos corpos em rede às máquinas em rede: reestruturação do trabalho bancário e constituição do sujeito	RAC	2003
25	Gurgel Junior, G.D., & Vieira, M.M.F.	A reforma do Estado no Brasil e os hospitais universitários federais: o caso do Hospital das Clínicas da Universidade Federal de Pernambuco	RAP	2002
26	Stumpf, M.K., Freitas, H.M.R.	A gestão da informação em um hospital universitário: o processo de definição do <i>Patient Core Record</i>	RAC	1997

Fonte: Elaboração própria.

Na seção dos resultados, os artigos serão mencionados de acordo com o número respectivo na coluna N da Tabela 2.

4 RESULTADOS

Esta seção visa apresentar os principais resultados do estudo e está dividida em oito subseções, referentes às categorias de análise bibliométrica selecionadas.

4.1 Periódicos

A Tabela 3 apresenta os periódicos que publicaram artigos que utilizaram o grupo focal como instrumento de coleta de dados, enquanto a Figura 1, disposta abaixo, ilustra esses resultados.

Tabela 3 - Distribuição dos artigos de acordo com o periódico

Periódico	Quantidade	%	Artigo
RAE	6	23,08	[7], [11], [13], [14], [21], [22]
REAd	6	23,08	[2], [3], [5], [12], [17], [19]
Cadernos EBAPE. BR	5	19,23	[1], [4], [10], [15], [18]
RAC	3	11,54	[9], [24], [26]
RAUSP	3	11,54	[7], [8], [16]
RAP	2	7,69	[23], [25]
Gestão & Produção	1	3,84	[6]
TOTAL			--

Fonte: Elaboração própria.

4.2 Ano de publicação

A Figura 1 apresenta o ano de publicação dos artigos selecionados.

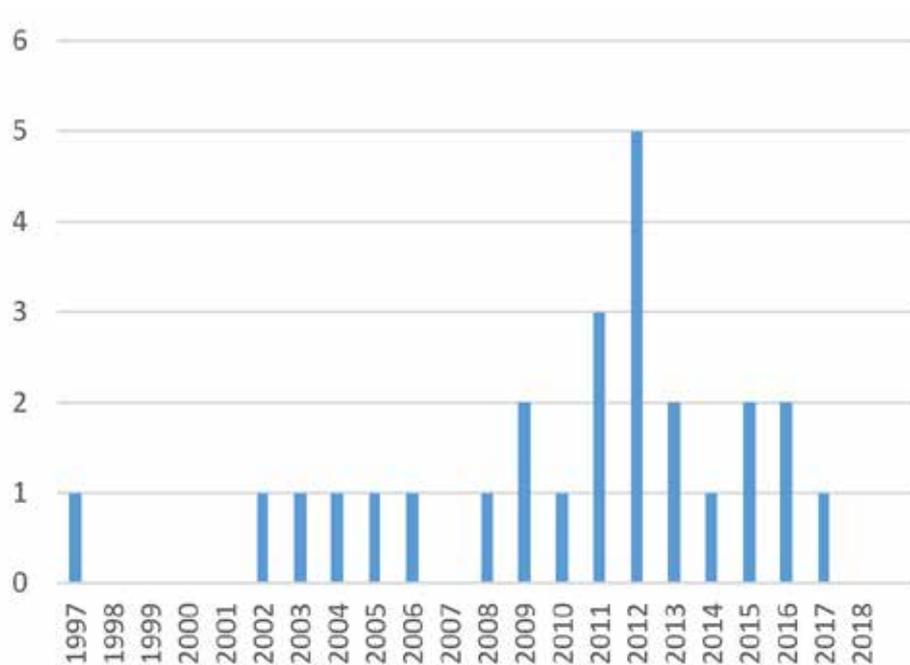


Figura 2 - Distribuição dos artigos de acordo com o ano de publicação

Fonte: Elaboração própria.

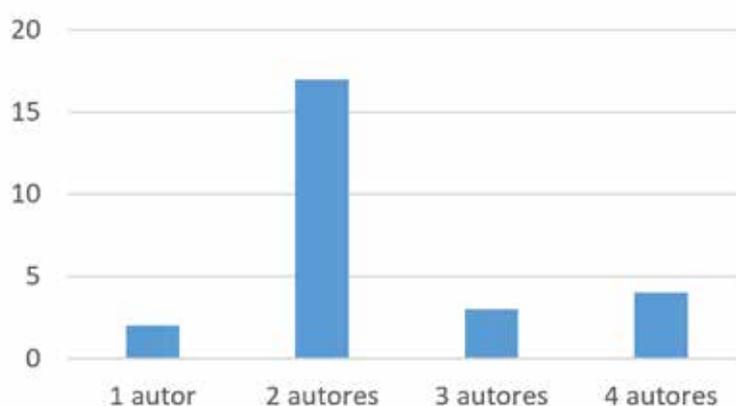
4.3 Número de autores

A Tabela 4 apresenta o quantitativo de autores por artigo, e a Figura 2 esquematiza essa distribuição.

Tabela 4 - Distribuição dos artigos de acordo com o número de autores por artigo

Número de autores/ artigo	Quantidade de artigos	Quantidade de autores	%	Artigo
1	2	2	7,69	[6], [24]
2	17	34	65,38	[1], [4], [5], [8], [10], [11], [12], [14], [15], [17], [18], [20], [21], [22], [23], [25], [26]
3	3	9	11,54	[9], [13], [16]
4	4	16	15,39	[2], [3], [7], [19]
TOTAL				--

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 2 - Distribuição dos artigos de acordo com o número de autores por artigo

Fonte: Elaboração própria.

4.4 Vinculação acadêmica dos autores

A Tabela 5 apresenta a vinculação acadêmica dos autores, a qual é ilustrada na Figura 3.

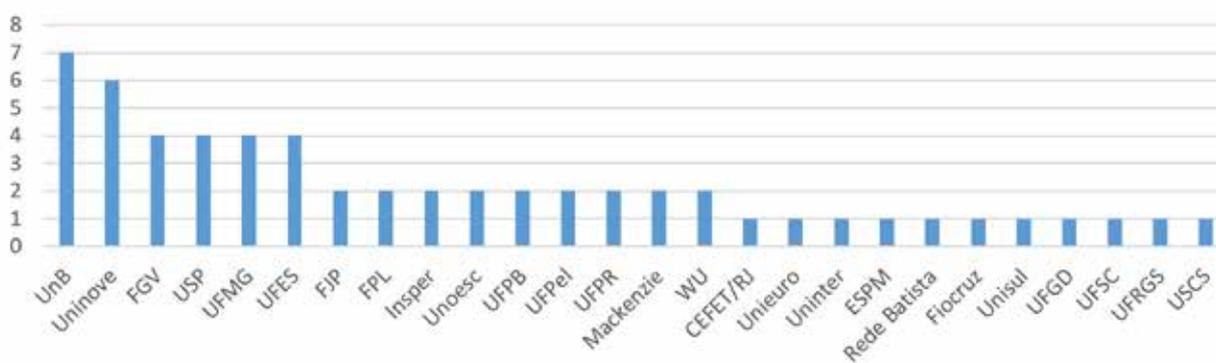
Tabela 5 - Distribuição da vinculação acadêmica

Vinculação acadêmica	Quantidade	Artigo
Universidade de Brasília (UnB)	7	[4], [4], [12], [12], [19], [19], [19]
Universidade Nove de Julho (Uninove)	6	[5], [5], [7], [7], [7], [7]
Fundação Getulio Vargas (FGV)	4	[14], [14], [20], [25]
Universidade de São Paulo (USP)	4	[3], [3], [20], [21]
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)	4	[21], [22], [23], [23]
Universidade Federal do Espírito Santo (UFES)	4	[2], [2], [2], [2]
Fundação João Pinheiro (FJP)	2	[3], [9]
Fundação Pedro Leopoldo (FPL)	2	[3], [9]
Insper Instituto de Ensino e Pesquisa (Insper)	2	[16], [16]

Vinculação acadêmica	Quantidade	Artigo
Universidade do Oeste de Santa Catarina (Unoesc)	2	[1], [1]
Universidade Federal da Paraíba (UFPB)	2	[15], [15]
Universidade Federal de Pelotas (UFPel)	2	[13], [13]
Universidade Federal do Paraná (UFPR)	2	[8], [10]
Universidade Presbiteriana Mackenzie (Mackenzie)	2	[18], [18]
Vienna University of Economics and Business (WU)	2	[11], [11]
Centro Federal de Educação Tecnológica Celso Suckow da Fonseca (CEFET/RJ)	1	[6]
Centro Universitário Euro-Americano (Unieuro)	1	[19]
Centro Universitário Uninter (Uninter)	1	[10]
Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM)	1	[16]
Faculdade Batista de Minas Gerais (Rede Batista)	1	[22]
Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz)	1	[25]
Universidade do Sul de Santa Catarina (Unisul)	1	[8]
Universidade Federal da Grande Dourados (UFGD)	1	[17]
Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)	1	[17]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS)	1	[13]
Universidade Municipal São Caetano do Sul (USCS)	1	[9]
Não informado	3	[24], [26], [26]
TOTAL		--

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 3 - Distribuição dos artigos de acordo com a vinculação acadêmica



Fonte: Elaboração própria.

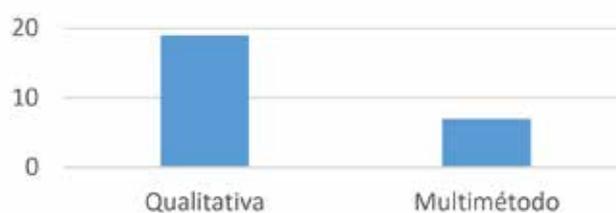
4.5 Abordagem da pesquisa

A Tabela 6 apresenta a abordagem da pesquisa, e a Figura 4 esboça esse resultado.

Tabela 6 - Distribuição dos artigos de acordo com abordagem da pesquisa

Abordagem	Quantidade	%	Artigo
Qualitativa	19	73,08	[1], [2], [3], [4], [5], [6], [8], [9], [10], [11], [15], [16], [18], [19], [21], [23], [24], [25], [26]
Multimétodo	7	26,92	[7], [12], [13], [14], [17], [20], [22]
TOTAL			--

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 4 - Distribuição dos artigos de acordo com a abordagem da pesquisa

Fonte: Elaboração própria.

4.6 Instrumento de coleta de dados

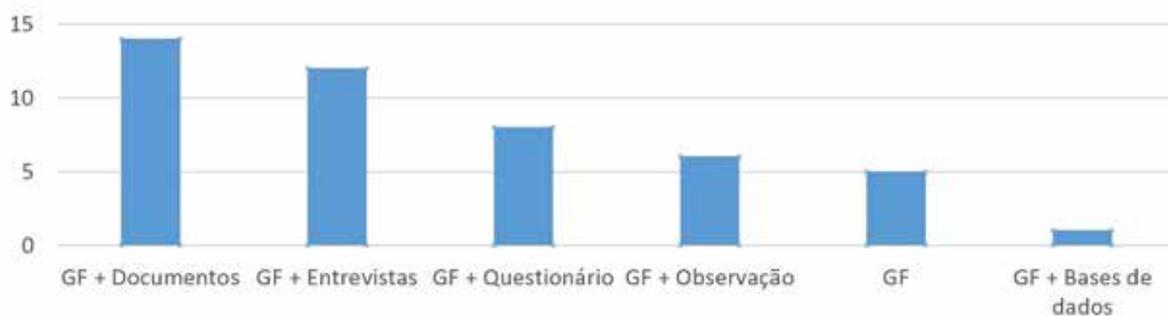
A Tabela 7 e a Figura 5 apresentam os instrumentos de coleta de dados identificados nos artigos e as respectivas triangulações realizadas. Ressalta-se que o grupo focal é uma constante em todos eles, porquanto foi o principal critério de inclusão de artigos.

Tabela 7 - Distribuição dos artigos de acordo com o instrumento de coleta de dados

Instrumento		Quantidade	Artigo
Grupo focal	Triangulado	Documentos	14 [1], [3], [5], [8], [9], [10], [12], [17], [18], [19], [21], [23], [24], [25]
		Entrevistas	12 [2], [3], [5], [8], [10], [14], [15], [17], [18], [19], [21], [24]
		Questionário	8 [1], [7], [12], [13], [14], [17], [20], [22]
		Observação	6 [3], [8], [11], [17], [18], [25]
	Bases de dados	1 [9]	
Individual		5	[4], [6], [15], [16], [26]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 5 - Distribuição dos artigos de acordo com o instrumento de coleta de dados



Fonte: Elaboração própria.

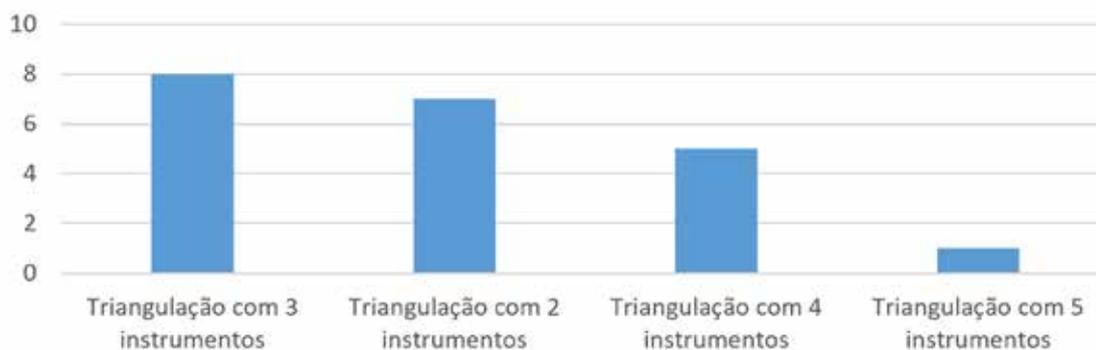
Por seu turno, a Tabela 8 e a Figura 6 ilustram o quantitativo de instrumentos utilizados para proceder à triangulação de técnica de coleta de dados.

Tabela 8 - Distribuição dos artigos de acordo com a triangulação dos instrumentos de coleta de dados

Quantidade de instrumentos por artigo	Quantidade de artigos	Artigo
3	8	[1], [9], [10], [12], [14], [19], [21], [24]
2	7	[2], [7], [11], [13], [20], [22], [23]
4	5	[3], [5], [8], [18], [25]
5	1	[17]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 6 - Distribuição dos artigos de acordo com a triangulação dos instrumentos de coleta



Fonte: Elaboração própria.

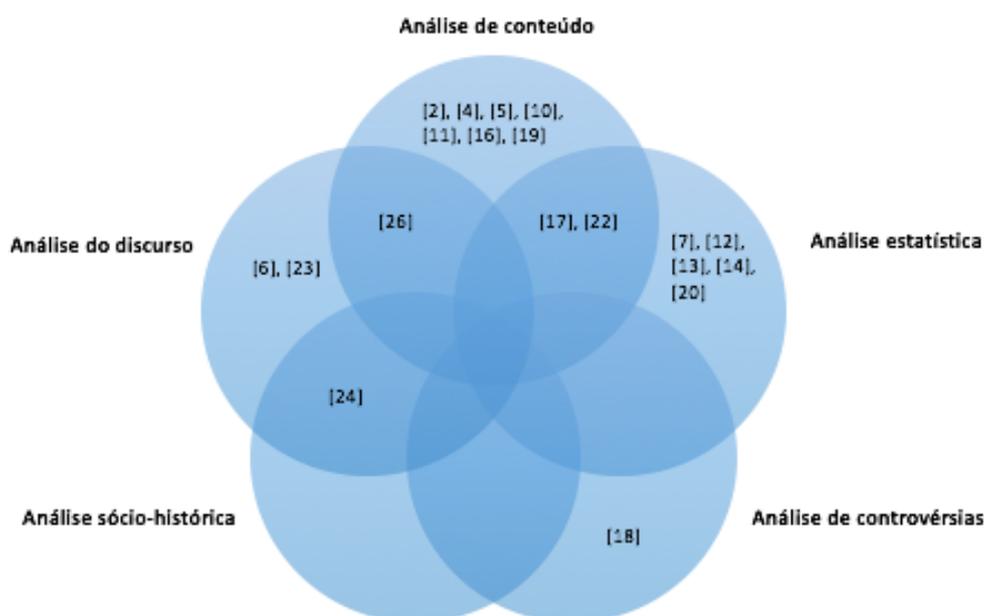
4.7 Técnica de análise de dados

A Tabela 9 apresenta a técnica de análise de dados utilizada nos artigos, seguida da Figura 7, que a auxilia na ilustração.

Tabela 9 - Distribuição dos artigos de acordo com técnica de análise de dados

Abordagem	Quantidade	Artigo
Análise de conteúdo	10	[2], [4], [5], [10], [11], [16], [17], [19], [22], [26]
Análise estatística	7	[7], [12], [13], [14], [17], [20], [22]
Não informado	7	[1], [3], [8], [9], [15], [21], [25]
Análise do discurso	4	[6], [23], [24], [26]
Análise de controvérsias	1	[18]
Análise sócio-histórica	1	[24]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 7 - Distribuição dos artigos de acordo com a técnica de análise de dados

Fonte: Elaboração própria.

4.8 Características do grupo focal

Como o objetivo deste estudo centra-se na utilização do grupo focal, a presente seção visa analisar alguns pontos relacionados a esse instrumento que apareceram como divergentes na literatura, conforme apontado na Seção 2.

4.8.1 Quantidade de grupos

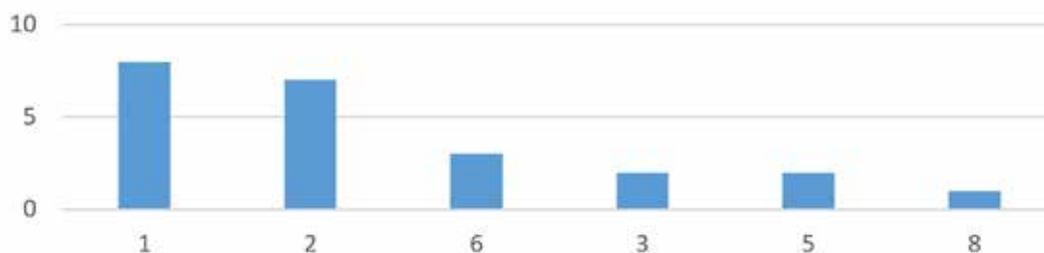
Em relação à quantidade de grupos realizados nos estudos, tem-se o apresentado na Tabela 10 e na Figura 8.

Tabela 10 - Distribuição dos artigos de acordo com a quantidade de grupos focais

Nº de grupos focais	Quantidade	Artigo
1	8	[1], [3], [4], [5], [8], [12], [13], [20]
2	7	[7], [9], [10], [18], [19], [23], [24]
6	3	[6], [22], [26]
3	2	[2], [11]
5	2	[17], [21]
8	1	[16]
Não informado	3	[14], [15], [25]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 8 - Distribuição dos artigos de acordo com a quantidade de grupos focais



Fonte: Elaboração própria.

4.8.2 Número de participantes

Esta subseção visa apresentar o número de participantes nos grupos focais analisados nos estudos, conforme apresentado na Tabela 11 e na Figura 9.

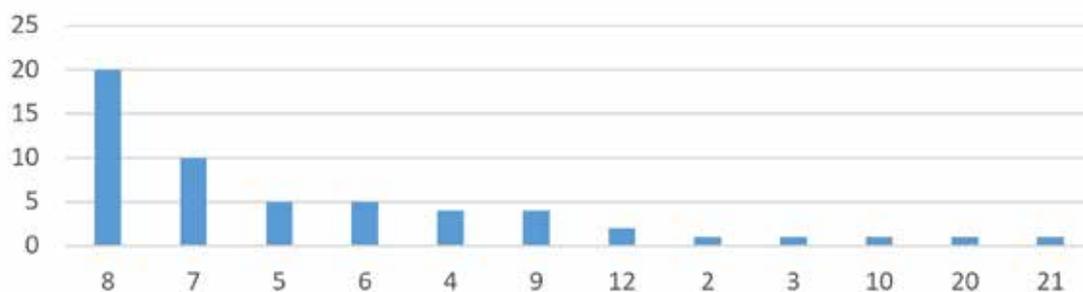
Tabela 11 - Distribuição dos artigos de acordo com o número de participantes do grupo focal

Número de participantes	Quantidade de artigos	Artigo
8	20	[6], [16], [16], [16], [16], [16], [16], [16], [16], [17], [17], [17], [19], [21], [21], [21], [21], [23], [24]
7	10	[1], [4], [9], [12], [26], [26], [26], [26], [26], [26]
5	5	[6], [7], [7], [11], [24]
6	5	[5], [6], [11], [17], [19]
4	4	[6], [10], [10], [11]
9	4	[2], [2], [2], [17]
12	2	[9], [13]
2	1	[23]
3	1	[8]
10	1	[20]
20	1	[3]

Número de participantes	Quantidade de artigos	Artigo
21	1	[15]
Não informado	3	[14], [18], [22], [25]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 9 - Distribuição dos artigos de acordo com o número de participantes do grupo focal



Fonte: Elaboração própria.

4.8.3 Duração das sessões

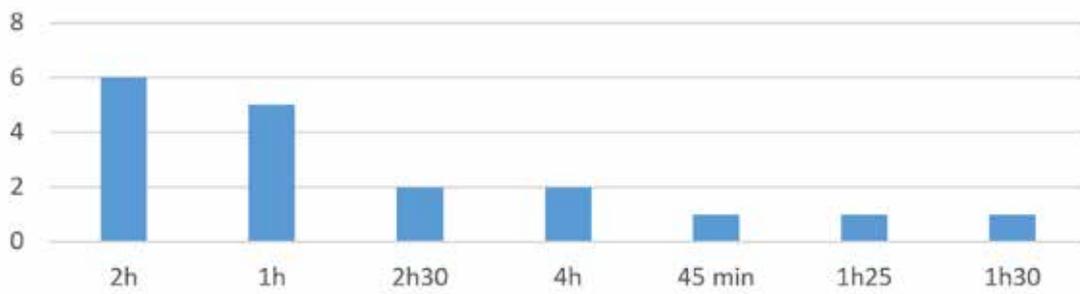
O presente tópico exibe a duração das reuniões dos grupos focais realizados nos artigos, conforme disponibilizado na Tabela 12 e na Figura 10.

Tabela 12 - Distribuição dos artigos de acordo com a duração das seções dos grupos focais

Duração do grupo	Quantidade de artigos	Artigo
120 min (2h)	6	[26], [26], [26], [26], [26], [26]
60 min (1h)	5	[7], [7], [11], [11], [11]
150 min (2h30min)	2	[19], [19]
240 min (4h)	2	[9], [9]
45 min (0h45min)	1	[23]
85 min (1h25min)	1	[8]
90 min (1h30min)	1	[23]
Não informado	19	[1], [2], [3], [4], [5], [6], [10], [12], [13], [14], [15], [16], [17], [18], [20], [21], [22], [24], [25]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 10 - Distribuição dos artigos de acordo com a duração das seções dos grupos focais



Fonte: Elaboração própria.

4.8.4 Quantidade de perguntas

A quantidade de questões discutidas em cada grupo focal realizado nos estudos é apresentada na Tabela 14 e ilustrada na Figura 11.

Tabela 14 - Distribuição dos artigos de acordo com a quantidade de perguntas

Perguntas	Quantidade de artigos	Artigo
3	2	[14], [19]
4	1	[23]
11	1	[4]
12	1	[8]
Não informado	21	[1], [2], [3], [5], [6], [7], [9], [10], [11], [12], [13], [15], [16], [17], [18], [20], [21], [22], [24], [25], [26]

Nota. Fonte: Elaboração própria.

Figura 11 - Distribuição dos artigos de acordo com a quantidade de perguntas



Fonte: Elaboração própria.

5 DISCUSSÃO E AGENDA DE PESQUISA

Com base nas informações apresentadas na seção de resultados, pode-se traçar um cenário acerca da evolução dos estudos em administração que elegeram o estudo focal como técnica de coleta de dados.

Os periódicos RAE (classificação A2) e REAd (classificação B1) foram os que, empatados, publicaram mais artigos (23,08%). Os periódicos BAR (classificação A2) e RAM (classificação B1) não publicaram nenhum artigo. A classificação do sistema Qualis parece não se relacionar com esse resultado.

O primeiro artigo publicado foi em 1997, enquanto o segundo foi publicado apenas em 2002, após um intervalo de cinco anos. A partir de então, houve pelo menos um artigo publicado por ano até o último, em 2017, com exceção de 2007, que não contou com nenhum, assim como 2018 e até maio de 2019, quando foi realizada a coleta de dados desta pesquisa. O ano mais fértil foi o de 2012 (5 artigos), seguido de 2011 (3 artigos). Nesse período de 21 anos completos (1997 e 2018), há uma média de 1,24 artigo publicado por ano, o que demonstra que o uso de grupo focal parece ser ainda incipiente na área. Embora tenha havido uma evolução nas publicações, no período de 2009 a 2016, com ápice em 2012, ano em que se atingiu quase 20% das publicações, não houve um quantitativo significativo de publicações desde então, o que evidencia importante lacuna na literatura.

Além disso, os resultados indicam que 65,38% dos artigos analisados foram desenvolvidos por uma dupla de pesquisadores. Publicação de um único autor ocorreu apenas em dois estudos, ratificando o incentivo feito pelos programas de pós-graduação quanto ao estabelecimento de parcerias institucionais e interinstitucionais para pesquisa.

Os 26 artigos contam com 61 autores no total, vinculados a 26 distintas instituições à época da publicação. A Universidade de Brasília, do Distrito Federal, foi a mais citada, com sete autores, em três diferentes artigos, seguida da Universidade Nove de Julho, de São Paulo, com seis autores, em dois artigos. Quatro instituições (FGV/SP, USP/SP, UFMG/MG e UFES/ES) foram representadas por quatro autores cada, sendo as três primeiras em três artigos, e a última, em apenas um. Não havia informação acerca de três autores em dois artigos da RAC, e um deles era o mais antigo do estudo (1997), e outro, o terceiro mais antigo (2003).

Percebeu-se, também, que 73,08% dos estudos utilizaram uma abordagem qualitativa, 26,92% uma abordagem multimétodo, e nenhum empregou uma abordagem puramente quantitativa. Esses resultados confirmam que o grupo focal é um instrumento típico de pesquisas qualitativas (Debus, 1997), podendo ser empregado de forma independente ou triangulada com outros instrumentos (Morgan, 1997), o que ocorreu em 5 artigos e nos demais 21 artigos, respectivamente. Na presente pesquisa, o grupo focal foi triangulado com outros cinco instrumentos, principalmente com documentos e entrevistas. Em oito artigos, foi triangulado com dois instrumentos; em sete, com apenas um; e, em cinco artigos, com outros três instrumentos. Somente um artigo apresentou triangulação do grupo focal com mais quatro instrumentos. Esse fenômeno da triangulação se justifica, segundo Flick (2009), para ser possível cobrir de forma holística certo campo de estudo, oferecendo mais confiabilidade e validade às pesquisas qualitativas.

Quanto à análise dos dados, os estudos realizaram principalmente análise do conteúdo (dez artigos), seguida de análise estatística (sete artigos), presente nos estudos que utilizaram abordagem multimétodo, e da análise do discurso (quatro artigos). Percebe-se que 7 artigos utilizaram técnicas típicas da abordagem quantitativa e 16 da qualitativa. Um grande número de estudos (7), equivalente a 26,92% do total de artigos analisados, não apresentou claramente informações sobre a técnica de análise de dados utilizada nas pesquisas. Além disso, os artigos também não se preocuparam em informar sobre a técnica de análise específica dos resultados

extraídos dos grupos focais – o que é, no mínimo, curioso, haja vista que o recorte foi feito em periódicos de primeira linha.

A maioria dos estudos realizou um (oito artigos) ou dois grupos focais (sete artigos). Dois estudos realizaram três grupos focais e nenhum realizou quatro. Esse resultado vai ao encontro do posicionamento de Debus (1997), que sugere pelo menos duas sessões ou até a saturação teórica.

Majoritariamente também, 20 estudos tiveram 8 participantes em média nos grupos focais analisados, e 10 estudos tiveram 7. Embora o tamanho do grupo seja divergente na literatura, sete ou oito participantes se encontram dentro do sugerido por alguns estudos (Debus, 1997; Descombe, 2007; Dias, 2000; Dilshad & Latif, 2013; Krueger & Casey, 2009; Oliveira & Freitas, 2010; Schröder & Klering, 2009), o que foi comprovado empiricamente aqui.

A maioria dos grupos focais teve uma ou duas horas de duração, corroborando com a indicação de Debus (1997). Frisa-se, contudo, que esses dados se baseiam apenas nos estudos que apresentaram essa informação, haja vista que 19 deles (73,08%) não se preocuparam em oferecê-la. Da mesma forma, a grande maioria dos artigos analisados (80,77%, especificamente) não esclarece a quantidade de perguntas trabalhadas nos grupos focais.

A partir dos resultados coligidos, sugere-se, como agenda de pesquisa, investigar possíveis razões para a escassez de estudos na área de administração que adotem tal instrumento de obtenção de dados. Indica-se, então, ampliar a quantidade de estudos que o utilizem, seja de forma triangulada com outros instrumentos, seja de forma independente. Mesmo em estudos multimétodo, a realização de grupos focais, aliada a técnicas de coleta e análise quantitativas, permitirão lançar um olhar diferente sobre os fenômenos, a partir da interpretação dos dados mensurados estatisticamente.

Propõe-se, ainda, que as características sobre a condução do grupo focal sejam melhor detalhadas em estudos futuros, tais como o devido embasamento na literatura, a quantidade de grupos e de participantes, a duração de cada reunião, as perguntas trabalhadas com o grupo e as técnicas de análise dos dados extraídos no grupo, a fim de ser possível destacar as vantagens da aplicação metodológica desse instrumento nas pesquisas.

Como limitações, embora não tenha sido estipulado um horizonte temporal com o objetivo de identificar o primeiro estudo realizado e sua subsequente evolução, não se pretende esgotar a discussão sobre o tema, haja vista a presente pesquisa ter se proposto a analisar apenas os periódicos de primeira linha, quais sejam, os com classificação Qualis superior a B1. Indica-se, portanto, estender o estudo a outros periódicos, inclusive para contrastar com os resultados por ora apresentados.

Ademais, trabalhos publicados em anais de congressos, bem como teses e dissertações, não foram contemplados por serem entendidos como trabalhos em construção que, caso sejam de qualidade, deverão ser publicados posteriormente em periódicos. Por fim, uma revisão que abranja publicações em periódicos internacionais com alto fator de impacto também é muito bem-vinda a fim de desenhar a produção global em administração que elegeu o grupo focal como técnica de coleta de dados preponderante.

6 CONCLUSÃO

O presente trabalho alcançou seu objetivo ao realizar uma revisão sistemática da literatura sobre grupo focal, ou melhor, sobre a utilização desse instrumento em pesquisas publicadas em periódicos nacionais de primeira linha na área de estudos organizacionais, especificamente de administração.

À guisa de conclusão, este estudo constatou que, não obstante a patente relevância dessa técnica para a pesquisa qualitativa, ainda é muito tímida a utilização do grupo focal na literatura de campo, e, infelizmente, são escassas as informações concernentes à sua realização.

Por conseguinte, o mapeamento aqui realizado da produção nacional de artigos que privilegiaram o uso do grupo focal como técnica de coleta de dados pretende, além de traçar os itinerários da produção acadêmica no tema, fazer um convite para que mais pesquisas qualitativas e, mormente, multimétodo, possam se aventurar em sua escolha. Dessa forma, poderão se beneficiar da diversidade e multiplicidade das informações advindas da interação dinâmica entre os participantes que só um grupo focal bem conduzido pode proporcionar às pesquisas.

REFERÊNCIAS

- Anderson, G. (1990). *Fundamentals of educational research*. London: The Falmer Press.
- Aschidamini, I.O., & Saube, R. (2004). Grupo focal: estratégia metodológica qualitativa: um ensaio teórico. *Cogitare Enfermagem*, 9(1), 9-14.
- Cronin, P., Ryan, F., & Coughlan, M. (2008). Undertaking a literatura review: a step-by-step approach. *British Journal of Nursing*, 17(1), 38-43.
- Debus, M. (1997). *Manual para excelência en la investigacion mediante grupos focales*. Washington: Academy for Educational Development.
- Demo, G., Fogaça, N., & Costa, A. C. (2018). Políticas e práticas de gestão de pessoas nas organizações: cenário da produção nacional de primeira linha e agenda de pesquisa. *Cadernos EBAPE.BR*, 16(2), 250-263.
- Denscombe, M. (2007). *The good research guide for small-scale social research projects*. (3rd ed.). New York: McGraw-Hill.
- Dias, C.A. (2000). Grupo focal: técnica de coleta de dados em pesquisas qualitativas. *Informação & Sociedade: Estudos*, 10(2), 1-12.
- Dilshad, R.M., & Latif, M.I. (2013). Focus group interview as a tool for qualitative research: an analysis. *Pakistan Journal of Social Sciences*, 33(1), 191-198.
- Flick, U. (2009). *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Artmed.
- Fogaça, N, & Coelho Jr, F. A. (2015). A hipótese "trabalhador feliz, produtivo": o que pensam os servidores públicos federais. *Cadernos EBAPE*, 13(4), 765-775.
- Godoi, C. K., & Mattos, P. L. C. L. (2011). Entrevista qualitativa: instrumento de pesquisa e evento dialógico. In C K Godoi, R Bandeira-de-Mello, & A. B. da Silva (Orgs.). *Pesquisa Qualitativa em Estudos Organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (pp. 301-323). São Paulo: Saraiva.
- Grønkvær, M. et al. (2011). Analysing group interaction in focus group research: Impact on content and the role of the moderator. *Qualitative Studies*, 2(1), 16-30.

- Iervolino, S. A., & Pelicioni, M. C. F. (2001). A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 35(2), 115-121.
- Khan, M. E., & Manderson, L. (1992). Focus groups in tropical diseases. *Research Health Policy and Planning*, 7(1), 56-66.
- Krueger, R.A., & Casey, M.A (2009). *Focus groups: a practical guide for applied research* (4th. ed.). Thousand Oaks: Sage.
- Morgan, D.L. (1997). *Focus groups as qualitative research*. Newbury Park: Sage.
- Oliveira, M., & Freitas, H. (2010). Focus group: instrumentalizando o seu planejamento. In C.K. Godoi, R. Bandeira-de-Mello & A.B. Silva (Org.). *Pesquisa qualitativa em estudos organizacionais: paradigmas, estratégias e métodos* (2ª ed., pp. 325-346). São Paulo: Saraiva.
- Rice, P.L., & Ezzy, D. (1999). *Qualitative research methods: a health focus* Oxford: Oxford University Press.
- Schröeder, C.S. & Klering, L.R. (2009). On-line focus group: uma possibilidade para a pesquisa qualitativa em administração. *Cadernos EBAPE.BR*, 7(2), 333-348.
- Stewart, D.W.; Shamdasani, P.N. (1990). *Focus groups: theory and practices*. Newbury Park: Sage.
- Veiga, L., & Gondim, S.M.G. (2001). A utilização de métodos qualitativos na ciência política e no marketing político. *Opinião Pública*, 7(1), 1-15.